

EDUCAR de verdade

Por César Obeid

Gostaria de falar sobre a globalização ou qualquer nome que se dê para esse fenômeno incrível que diminuiu as distâncias entre os povos e suas culturas. Em uma breve busca em sites que vendem passagens aéreas, constata-se que custa menos ir à Buenos Aires do que para Manaus. Hoje, com o básico domínio do inglês, é possível se comunicar com pessoas da China, da Índia, da Síria e, praticamente, de qualquer parte do mundo.

Com a padronização dos usos e costumes, pouco nos resta além da nossa história e da nossa cultura.

Entre os livros que figuraram na lista dos mais vendidos no ano de 2011, na categoria não ficção, muitos são de História; 1808 e 1822, do escritor Laurentino Gomes, por exemplo. Estamos com desejo e necessidade de voltar às nossas raízes e saber um pouco mais do nosso passado, ao que tudo indica, será a busca pela nossa história que nos aliviará nesse processo de mundo diminuto. Mas, e a cultura?

Outro dia, visitando uma conceituada escola de São Paulo, andando pelos corredores, ao lado de uma simpática professora, encontrei belos cartazes com os mitos do nosso folclore. Lá estavam a lara, com seus lindos e encantadores cabelos, o Curupira, muito bem desenhado com seus pés virados para trás, e todos eles; Boitatá, Mula sem Cabe-



Ilustração: Jonas Coronado



Foto: Renata Perez

César Obeid é escritor, educador e contador de histórias, associado da regional paulista da AEIJ (Associação dos Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil).

www.cesarobeid.com.br

ça, etc., etc. Mas, cadê o Saci, o nosso mais famoso mito?, perguntei para a professora - ele não estava presente nos cartazes. Pensei que seria alguma travessura do negrinho que aprontou mais uma e saiu em algum rodadoiro por aí.

- Não, na verdade, não mostramos o Saci para as nossas crianças pois não podemos mostrar um afrodescendente com deficiência física.

Sei que muitos leitores concordam com a boa intenção da nossa educadora, afinal para que serve uma instituição de ensino, senão para dar igualdade a todos?

Por outro lado, muitos leitores, como eu, não querem ver a nossa cultura, a nossa história, a nossa tradição indo por água abaixo, ou melhor, por cartaz abaixo.

Quero deixar claro que não sou a favor de toda e qualquer tradição. Muitas manifestações das culturas tradicionais são cruéis, como a Farra do Boi ou as Festas de Vaquejada e deveriam ser extintas de vez da nossa sociedade, proibidas por lei.

Por outro lado, muitas instituições de ensino parecem não enxergar o que nos cerca, dentro e fora do universo escolar, e voltam sua atenção somente aos contos de fadas e às músicas tradicionais, impondo uma série de diretrizes politicamente corretas. Também deixo claro que não sou contra esse movimento mundial que busca a paz e a aceitação entre os diferentes. Mas, tudo isso, sem a ligação com o mundo real, torna-se fraco, incapaz e não faz muito sentido.

Gostaria que lessem uma hipotética carta de uma escola bem intencionada endereçada aos pais:

Senhores pais, tendo em vista a nossa vontade em educar de acordo com o interesse da sociedade atual, segue a planilha das novas regras da nossa escola.

- Todo aluno pode tomar refrigerante

à vontade, inclusive terá lugar de destaque na cantina. As frituras, embudidos, enlatados e salgadinhos de saquinho também são liberados. Não se preocupem que adotaremos livros que tratem da alimentação saudável.

- Os alunos devem utilizar copinhos descartáveis. Alguns pais disseram que o copo não descartável não é higiênico. Claro que também faremos um belo trabalho com o meio ambiente, no mês de junho.

- As meninas podem usar salto alto. Vamos aproveitar, pois o Brasil é um dos poucos países que permitem sua venda para as crianças. Ah, se as suas filhas não conseguirem correr e brincar, não faz mal, o que importa é que elas estarão muito elegantes.

- Na nossa escola, as crianças não podem cantar a música do cravo que brigou com a rosa porque é muito violenta, mas no intervalo entre as aulas nós permitiremos que brinquem com seus jogos eletrônicos à vontade.

- Outra canção proibida é "Atirei o pau no gato", não queremos de maneira alguma estimular a violência entre nossa turma. Mas, prometemos tocar na nossa festa junina beneficente as músicas dos cantores que fazem apologia ao rodeio, sem citar a crueldade que fazem com os animais.

Enfim, são alguns exemplos de uma lista muito mais extensa. Será que essa troca que fazemos está valendo a pena? O que podemos fazer para educar de verdade, sem maquiagem a realidade?

Estamos em 2012, o que vamos fazer?